

Este texto é oferecido gratuitamente para leitura. Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora, deve obter a autorização do autor:

https://comediatheque.net

A janela da frente

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Um velho romancista à beira do suicídio recebe a visita de uma jovem que diz ter perdido seu gato. Uma visita que mudará sua vida...

Distribuição

Alejandro Madison

© La Comédiathèque

O cenário é uma sala de estar de um apartamento em Madrid. Ambiente boémio. Sobre uma pequena escrivaninha, uma velha máquina de escrever e alguns documentos. Alejandro entra, um escritor de cerca de sessenta anos ou mais, vestido com um despojamento estudado. Ele segura uma corda com um laço na mão. Olha para o teto, depois para uma cadeira, aparentemente procurando um lugar para pendurar a corda. Parece que não encontra nada satisfatório e desce da cadeira. Senta-se na escrivaninha e suspira cansado. Abre uma gaveta, pega um maço de cigarros e coloca um na boca. Em vez de acender o cigarro, coloca-o novamente na escrivaninha e tira uma arma da gaveta. Observa atentamente a arma. Um toque suave na porta é ouvido. Perdido em seus pensamentos, ele não ouve. Ele coloca o cano da arma na cabeça. Outra batida é ouvida, um pouco mais forte. Ele ainda não ouve. Parece hesitar em puxar o gatilho. Ele fecha os olhos... Então, uma jovem aparece na frente dele. É Madison, uma estudante, com cerca de vinte ou trinta anos, vestida de forma bastante conservadora.

Madison (gritando) – Não!

Surpreendido, Alejandro se assusta. Ele se levanta rapidamente e aponta a arma para Madison.

Alejandro – Qualquer movimento e você está morta!

Madison – Não atire, eu imploro!

Alejandro – Mãos para cima!

A jovem levanta imediatamente as mãos.

Madison – Você vê? Eu não estou armada... Agora, por favor, abaixe a arma.

Ao perceber que a jovem parece inofensiva, ele abaixa a arma.

Alejandro – O que diabos você está fazendo aqui? E antes de mais nada, como você entrou?

Madison – Vou explicar tudo... Deixe-me recuperar o fôlego...

Alejandro – Mas você está louca! Quase tive um ataque cardíaco!

Madison – Desculpe, a porta estava entreaberta e...

Alejandro – E você interpretou isso como um convite para entrar na minha casa...?

Madison – Não, mas...

Alejandro – O que você quer? Veio me roubar? Não há nada de valor aqui, acredite.

Madison – Sou sua vizinha.

Alejandro – A vizinha do lado? Ela tem oitenta anos...

Madison – A do outro lado da rua... (*Apontando para uma janela imaginária na plateia*.) A janela ali é do meu apartamento.

Alejandro – Do outro lado da rua? Esteve vazia por anos.

Madison – Não mais.

Alejandro – Bem... e daí?

Madison – Eu perdi meu gato... Você não o viu por acaso... Talvez ele tenha entrado em sua casa... Mesmo que não tenha sido convidado...

Alejandro – Bem, não, como vê. Parece que seu gato tem mais educação do que você.

Ela parece muito preocupada.

Madison – Já se passaram dois dias desde que ele sumiu. Coloquei anúncios por toda a vizinhança com o nome e a foto dele. Você não viu?

Alejandro – Não saio muito... e nunca olho para esse tipo de anúncio. Além disso, não sou bom em reconhecer rostos quando se trata de gatos...

Ele dá alguns passos pela sala.

Madison – Couve-flor! Couve-flor!

Alejandro – O que você está gritando assim? Você está louca?

Madison – É o nome dele, Couve-flor.

Alejandro – Seu gato se chama Couve-flor? Você está brincando...

Madison – De jeito nenhum. Por quê?

Alejandro – Tudo bem, seu gato se chama Couve-flor e está sumido há dois dias. Não é tão grave.

Madison – Claro que é grave! Se eu não o encontrar em breve, ele vai morrer... É um gato de apartamento, entende? Não foi feito para viver ao ar livre...

Alejandro – Bem, é uma pena. Na minha época, os gatos ficavam no campo. Ou, quando tínhamos, em um grande jardim. Passavam o tempo caçando ratos e só vinham para casa quando estavam de mãos vazias, para que os alimentássemos, fizéssemos carinho neles e os deixássemos dormir no sofá...

Madison – Sim, mas esse gato não come ratos. Ele é vegetariano.

Alejandro – O quê?

Madison – Eu não como carne, e ele também não.

Alejandro – O que ele come, então?

Madison – Ração! De vegetais, assim como eu.

Alejandro – Você também come ração?

Madison – Vegetais, eu como vegetais... Especificamente porque sou...

Alejandro – Um gato vegetariano... Nem sabia que isso existia... E é por isso que ele se chama Couve-flor...?

Madison – Sim... e também porque ele tem uma cauda como uma flor.

Alejandro – E imagino que não comer carne é uma escolha pessoal dele.

Madison – De qualquer forma, ele nunca reclamou.

Alejandro – E... você acha que agora, nos circos, eles também dão ração de vegetais para tigres e leões comerem?

Madison – Não sei... De qualquer forma, sou contra animais em circos...

Alejandro – Mas não é contra gatos de apartamento...

Madison – Suponho que você não tem animais de estimação...

Alejandro – Não, odeio o conceito de animais de estimação. E o conceito de domesticação em geral. (*Com um tom ameaçador*) Eu mesmo continuo selvagem...

Sem se impressionar, olha ao redor da sala.

Madison – Então, você não viu meu gato?

Alejandro – Não, não vi seu gato vegano. E, se não se importa que eu diga, acho que essa conversa absurda já durou tempo demais.

De repente, ela para.

Madison - Silêncio!

Alejandro – Desculpe?

Madison – Você não ouviu ele miar?

Alejandro – Miar? Não, de jeito nenhum. Mas sabe, estou começando a perder um pouco da audição. Você vai ver quando chegar à minha idade, não tem só desvantagens. Especialmente quando tem vizinhos barulhentos...

Madison – Eu não faço barulho, eu garanto. Além disso, faz mais de um mês que moro no apartamento em frente ao seu, e você achava que ainda estava vazio.

Alejandro – Tudo bem, não percebi que você estava lá, e quero que continue assim. Então, se você não tem mais nada a me dizer, sugiro que me deixe voltar aos meus afazeres e vá procurar seu gato...

Madison – Bem, não vou mais incomodar...

Alejandro – Obrigado.

Ele finge que vai embora, mas muda de ideia.

Madison – Mas... eu preferiria não deixá-lo assim.

Alejandro – O que você quer dizer? Assim como?

Madison – Bem... Quando cheguei, você estava prestes a...

Alejandro – Prestes a fazer o quê...?

Madison – Parece que as coisas não estão indo muito bem, não é?

Alejandro – O que lhe faz pensar isso?

Madison – Você estava apontando uma arma para a cabeça.

Ele olha surpreso para a arma que ainda segura na mão.

Alejandro – Ah, isso... E daí?

Madison – Bem... parece um pouco... deprimido, não acha?

Alejandro – Deprimido...? Escute, moça, quando eu tinha a sua idade, o lema da nossa geração era viver rápido, morrer jovem e deixar um belo cadáver. Isso significa alguma coisa para você?

Madison – James Dean...

Alejandro – Transávamos sem camisinha, andávamos de moto sem capacete e usávamos todo tipo de substâncias proibidas, cuja composição exata, acredite, ninguém conhecia... Cinquenta anos depois, os poucos idosos que, como eu, sobreviveram àquela época abençoada, estão protestando nas ruas porque têm medo de se vacinar... E você espera que eu não fique deprimido?

Madison – Entendo...

Alejandro – Não acredito... Mas se você tiver a infelicidade de viver até a minha idade, verá. A velhice é um naufrágio.

Madison – Outra citação famosa... De quem é?

Alejandro – Deixa pra lá, mas acredite em mim: O problema é que, na nossa época, os jovens já agem como idosos.

Madison – Em todas as épocas, os jovens querem mudar o mundo, não é?

Alejandro – Os jovens de hoje não querem mudar o mundo, só querem salvar o planeta. E isso não vai acontecer...

Madison – E você, conseguiu mudar o mundo?

Alejandro – Não, mas pelo menos nos divertimos.

Madison – Parece que você não se diverte tanto agora...

Alejandro – Aparentemente, você também não... Caso contrário, não teria um relacionamento com um gato...

Madison – Pelo menos não estou sozinha...

Alejandro – E você realmente acha que pode salvar o planeta... alimentando esse pobre e inocente carnívoro com ração de vegetais?

Madison – Não sei... Mas para mudar o mundo, você tem que começar salvando o planeta, não é? Qual é o sentido de fazer uma revolução no Titanic?

Alejandro – De qualquer forma, eu invejo todos da minha geração que morreram antes dos trinta anos. Você consegue imaginar o Jimi Hendrix e a Janis Joplin em um asilo, discutindo sobre o possível perigo de uma vacina entre duas partidas de Scrabble? Eu prefiro morrer a ver isso...

Madison – Não diga isso...

Alejandro – Infelizmente, a literatura não é muito roqueira. E a maioria dos escritores morre em suas camas.

Madison – O senhor é escritor?

Alejandro – Isso não é da sua conta... Eu nem sei por que estou lhe falando sobre tudo isso, eu não a conheço... E além disso, o que você ainda está fazendo aqui?

Ele guarda a arma em uma gaveta.

Madison – Você poderia ter se machucado...

Alejandro – Eu também poderia tê-la matado... Quando você entra na casa de alguém, sempre há um risco... Eu teria alegado legítima defesa, nem teria sido condenado... (*Ele percebe que ela parece tonta e se preocupa*.) Você está bem?

Madison – Desculpe, vai passar... Você poderia me trazer um copo d'água?

Ele hesita por um momento.

Alejandro – Sente-se um instante, eu vou lhe trazer...

Ele sai. Imediatamente ela se sente melhor e aproveita para olhar ao redor do quarto. Ela pega uma foto de mulher em uma moldura na escrivaninha e a examina. Depois, rapidamente a coloca de volta quando ele retorna com o copo d'água e entrega a ela.

Madison – Obrigada...

Ela pega o copo e bebe de um gole.

Alejandro – Você está se sentindo melhor?

Madison – Sim, obrigada...

Ele faz um esforço para suavizar um pouco.

Alejandro – Desculpe por recebê-la assim... Não estou mais acostumado a ver muita gente...

Madison – Então, o senhor também mora sozinho?

Alejandro – É tão óbvio assim?

Madison – Pelo que o senhor me contou, imagino que o senhor também não tenha filhos.

Alejandro – O que lhe faz pensar que eu não tenho filhos?

Madison – Tem algum?

Alejandro – Não... E quando vejo o mundo de hoje, fico feliz por não ter nenhum...

Madison – Entendo...

Alejandro – Se você quiser salvar o planeta, deveria começar deixando de ter filhos, não acha?

Madison – Ao mesmo tempo... deixar de ter filhos salvará a humanidade?

Alejandro – E quando se pensa que a Espanha é provavelmente o melhor país para se viver no mundo...

Madison – Sim, por isso decidi vir viver aqui...

Alejandro – Você não é espanhola...?

Madison – Meu nome é Madison. Sou americana.

Alejandro – Mas você fala nossa língua perfeitamente, e sem sotaque algum...

Madison – Minha avó era espanhola. Ela me ensinou a língua de Cervantes. Vim para Madrid estudar literatura na Complutense.

Alejandro – E o acaso quis que você cruzasse o meu caminho hoje... Madison.

Madison – Seu nome é Alejandro, certo?

Alejandro – Como você sabe?

Madison – Vi seu nome na caixa de correio. Alejandro Goya... Tem relação com...

Alejandro – Com o pintor? Não, de forma alguma.

Madison – Com o escritor!

Alejandro – Você é americana e conhece Alejandro Goya... alguém que ninguém mais lembra aqui na Espanha.

Madison – Você está exagerando... Todo mundo conhece Alejandro Goya. E sua fama se estendeu para além das fronteiras da Espanha. Ou pelo menos entre aqueles que se interessam por literatura. E então?

Alejandro – Sim... Esse sou eu.

Madison – Não? Alejandro Goya, aquele autor mítico que assinou várias obrasprimas da literatura do século XX.

Alejandro – Se você diz...

Madison – Um escritor misterioso que agora vive recluso, que não publica nada há anos e rejeita todas as entrevistas... É realmente você?

Alejandro – Alguma coisa me diz que você já sabia disso antes de entrar na minha casa, estou errado?

Ele hesita por um momento.

Madison – Não, admito...

Alejandro – Então, é para tentar conseguir uma entrevista que você inventou essa história do gato...

Madison – Sobre o gato, é verdade, eu juro... Mas também é verdade que quando vim morar bem em frente à sua casa, tinha uma ideia em mente.

Alejandro – Você alugou deliberadamente um apartamento em frente ao meu para poder me espionar?

Madison – Para espionar você? De jeito nenhum. Eu sou uma grande admiradora do seu trabalho. Quando cheguei em Madrid, tentei entrar em contato com você. Mas o seu agente me disse que você não queria ver ninguém.

Alejandro – E o que você não entendeu nessa frase?

Madison – Eu cruzei o Atlântico com a esperança de conhecê-lo. Estava procurando um apartamento. O da frente estava disponível para alugar e aproveitei a oportunidade...

Alejandro – Você está completamente louca! Eu a advirto, se você não me deixar em paz, vou apresentar uma queixa por assédio. O que você espera de mim? Você é jornalista?

Madison – Sou estudante, como disse. Fiz minha dissertação de mestrado sobre o seu trabalho em Nova York. E então decidi vir para Madrid para continuar a pesquisa, já que esta cidade é o cenário da maioria dos seus romances. Para os americanos, Madrid é a cidade mais romântica do mundo.

Alejandro – Eu pensei que fosse Paris...

Madison – Também.

Alejandro – E é com esse tipo de clichê que você pretende jogar luz sobre o significado oculto da minha obra?

Madison – Quer saber o título da minha tese?

Alejandro – Não.

Madison – "A figura da ausência no universo literário de Alejandro Goya".

Alejandro – Você entendeu tudo... O que eu prefiro na maioria das pessoas, começando por você, é a ausência delas. Por isso eu peço-lhe que se retire.

Madison – Quando você tem a oportunidade de trabalhar com um autor vivo, você quer conhecê-lo, é normal. E conhecendo um pouco mais da sua vida, podemos entender melhor a sua obra.

Alejandro – É um erro, eu lhe asseguro. É melhor se contentar em estudar a obra ignorando tudo relacionado ao autor. Muitos grandes escritores foram pessoas muito pequenas na vida real. Quando eles não eram completos canalhas. E isso vale tanto para os artistas quanto para os cientistas. É isso. Os génios raramente ganham por serem conhecidos... Embora, tenha certeza, eu não me considero um génio em absoluto...

Madison – Entendo a sua modéstia, mas ainda assim... Uma entrevista exclusiva com o autor de "Memórias de um amnésico" seria a culminação do meu trabalho de pesquisa.

Alejandro – Você leu?

Madison – Foi esse romance que me convenceu a vir estudar em Madrid. Para mim, é o seu melhor livro.

Alejandro – Mas não é o mais vendido...

Madison – Eu imagino que este romance é em grande parte autobiográfico.

Alejandro – Eu lhe disse... Não é interessante para o leitor...

Madison – Sem falar desse manuscrito misterioso em que você tem trabalhado há anos...

Alejandro – Eu não escrevo nada. Isso é uma lenda que meu editor mantém para que eu não esqueça completamente, e para que meus livros antigos continuem vendendo um pouco. De qualquer forma, eu não vou dar entrevistas. Nem para você nem para ninguém. (*Ele se aproxima dela com um olhar ameaçador*.) Agora vá embora!

Em vez de sair, ela enfrenta ele.

Madison – Não!

Ele parece surpreso com a determinação dela.

Alejandro – Como assim, não?

Madison – Eu não vou deixar você se matar antes de me conceder essa entrevista. Eu poderia ter cruzado o Atlântico a nado para consegui-la.

Alejandro – Volte de onde você veio em um barco a pedal, se quiser, não é problema meu...

Ela está prestes a desmaiar novamente.

Alejandro – É a segunda vez que você desmaia por minha causa... Você lê romances românticos demais, garota. Hoje em dia, a não ser no teatro, as mulheres não desmaiam por qualquer coisa quando as incomodam...

Madison – Eu não estou fingindo, eu asseguro.

Ele parece hesitar.

Alejandro – Você quer que eu chame uma ambulância?

Madison – Não, mas eu preciso sentar um momento.

Alejandro – E depois você vai embora?

Madison – Eu prometo.

Ela se senta e recupera o fôlego.

Alejandro – Já lhe dei um copo de água... Quer um copo de conhaque?

Madison – Está a tentar acabar comigo, não está?

Alejandro – É tarde demais, infelizmente. Eu deveria ter atirado em você imediatamente, teria alegado legítima defesa. Agora não posso negar a premeditação...

Madison – Por que você tem uma arma em casa?

Alejandro – No começo, era para afastar os arruaceiros. Parece que não é suficiente...

Madison – Mesmo sendo um pouco misantropo, como muitos escritores... Todos nós precisamos de companhia, certo?

Alejandro – Sinto que você vai sugerir que eu compre um gato... Quer se livrar do seu, não é?

Madison – Não sente solidão?

Alejandro – Solidão... É como café... No começo é um pouco amargo. Depois você se acostuma. Então você gosta dele. E no final, não pode viver sem ele.

Madison – Você deveria escrever um livro de aforismos. Tenho certeza de que venderia muito bem.

Alejandro – E qual é o sentido de não estar sozinho? Viver em um relacionamento e repetir as mesmas banalidades o ano todo? Ver a família ou amigos de vez em quando, evitando todos os tópicos importantes que possam irritá-los? Encontrar os vizinhos nas escadas e falar sobre o clima? Conversar com o seu gato e fingir que ele entende você?

Madison – Quando você escreve, no entanto, está se dirigindo a alguém.

Alejandro – Por isso parei de escrever.

Madison – Eu não acredito em você.

Alejandro – Eu não estou pedindo para você acreditar em mim. Estou pedindo para você me deixar em paz...

Madison – Então você não vai me conceder a entrevista?

Alejandro – Não tenho mais nada a dizer. Pior ainda, não tenho ninguém com quem falar. E há dias em que nem quero falar comigo mesmo.

Madison – Isso é triste...

Alejandro – Assim é a vida... E de uma forma ou de outra, a minha está chegando ao fim...

Madison – A minha também, talvez...

Alejandro – Você tem uns quarenta anos a menos do que eu. Poderia ser sua pai.

Madison – Ou até meu avô.

Alejandro – Obrigado pela explicação, é muito gentil da sua parte. De qualquer forma, a sua vida está apenas começando.

Madison – Sim... Mas também pode terminar em breve...

Alejandro – De que maneira?

Madison – Eu tenho uma doença cardíaca. Os médicos me dão apenas alguns anos de vida. Talvez alguns meses. É por isso que vim para a Espanha, para realizar um último sonho. Vim para conhecer você...

Ele fica impressionado com essa declaração.

Alejandro – Como assim, uma doença cardíaca?

Madison – Eu nasci com um defeito no coração. Meu coração é muito frágil. Pode falhar a qualquer momento.

Alejandro – E é por isso que você tem momentos de fraqueza?

Madison – Com o menor aborrecimento, meu coração acelera e pode parar de bater.

Ele hesita por um momento.

Alejandro – Não me diga que você inventou essa história para me forçar a não contrariar você... e, consequentemente, a aceitar essa entrevista.

Madison – Infelizmente, não...

Alejandro – Sinto muito por você.

Madison – Não é culpa sua.

Alejandro – Não, mas que ironia. Eu sou velho, não quero mais nada, estou pensando em terminar... Você é jovem, tem a vida pela frente, e é o seu coração que a trai...

Madison – Não posso mudar nada, então qual é o sentido de me revoltar?

Alejandro – E o que é mais, você continua sorrindo...

Madison – Eu me digo que os meses que me restam podem ser os mais belos da minha existência.

Alejandro – Sua alegria de viver me deprime. Você nunca duvida de nada?

Madison – Não tenho mais tempo para dúvidas. É por isso que entrei à força em sua casa...

Por um tempo.

Alejandro – E realmente não há esperança?

Madison – Sim, um transplante. Mas ainda temos que encontrar um doador...

Alejandro – Eu poderia oferecer meu coração, ele não me serve mais... Eu me matarei e darei meus órgãos a você...

Madison — Tenho receio de que não seja tão simples. Especialmente com um coração. Não é como esses órgãos que temos em duplicado. Os rins, os pulmões...

Alejandro – Os testículos...

Madison – Para o coração, o doador precisa estar em estado de morte cerebral...

Alejandro – Morte cerebral? Às vezes, me pergunto se meu cérebro já não está morto. Como muitas pessoas ao meu redor, aliás...

Madison – O doador precisa estar morto, o coração dele precisa estar em boas condições e precisamos ser capazes de retirá-lo com rapidez suficiente. O que é muito raro, infelizmente. E a lista de pacientes esperando por um transplante é muito longa...

Alejandro – Ouvi dizer que na China extraem órgãos dos condenados à morte. É muito mais prático, obviamente. Eles começam fixando uma data para o transplante e, no mesmo dia, executam o condenado.

Madison – Mas isso é horrível...

Alejandro – Sim, mas assim... o receptor tem tempo para voar da Europa ou dos Estados Unidos. Alguns aproveitam para fazer um pouco de turismo. É claro que não é de graça. Não sei por quanto se pode vender um coração na China. Você já perguntou por aí?

Madison – Não...

Alejandro – Deveria ser fácil encontrar na internet...

Madison – Obrigada.

Alejandro – Desculpe, não deveria brincar com isso... e menos ainda com você. Ao mesmo tempo, o humor é a única coisa que nos resta, não é?

Madison – Sim...

Alejandro – Embora o que eu tenha dito não seja uma brincadeira...

Madison – Prefiro morrer a viver com o coração de um condenado, ou mesmo o seu... E então?

Alejandro – O quê?

Madison – Terá a crueldade de me deixar partir sem realizar meu sonho?

Alejandro – Você é bastante obstinada.

Madison – Vou considerar isso um elogio.

Alejandro – Mas quem diz que você não está mentindo?

Madison – Quem inventaria uma história assim? Apenas para conseguir uma entrevista com um escritor que todos já esqueceram...

Alejandro – Finalmente você admite que todos já esqueceram Alejandro Goya.

Madison – Então é um sim?

Alejandro – Assim que você me mostrar um relatório médico que prove que você não está mentindo.

Madison – Desculpe, eu não tenho isso aqui.

Alejandro – Você mora bem em frente... Vá buscar.

Madison – Pensei que poderia confiar na minha palavra. Devo admitir que estou um pouco decepcionada.

Alejandro – Se eu lhe conceder essa entrevista, é só o começo, acredite em mim. Eu sou uma pessoa muito decepcionante, você vai ver.

Ele se levanta e examina o quarto. Seu olhar para em uma velha máquina de escrever.

Madison – Ainda escreve à máquina?

Alejandro – Sim, é nessa máquina que escrevi todos os meus romances. Mas não tente me enganar. Eu já disse que parei de escrever há anos.

Madison – Por que parou?

Alejandro – Palavras são como notas, se forem colocadas em circulação demais, perdem seu valor... Olhe o que está acontecendo hoje nas redes sociais. Todo mundo faz um pequeno comentário umas dez ou vinte vezes por dia. Sobre todos os temas. Uma inflação de dinheiro falso que desvalorizou o real. Palavras não têm mais sentido.

Madison – Você não pode impedir as pessoas de conversar. Antes elas faziam isso no café, agora fazem no Facebook. Mas sempre haverá grandes escritores, como você.

Alejandro – Não lemos mais os grandes autores. Apenas os citamos. Em vão. Sempre as mesmas citações, repetidas uma e outra vez até perderem completamente o sentido... Copiar e colar substituiu o pensamento crítico... e emojis substituíram os sentimentos.

Madison – Posso citá-lo na conclusão da minha tese?

Alejandro – Vou ser acusado de elitismo. Vão dizer que apenas alguns poucos escolhidos têm o direito de se expressar, e os outros devem apenas ficar quietos e ouvir. Isso não é verdade. Acho que todos deveríamos ficar em silêncio.

Madison – O que você sugere? Um minuto de silêncio?

Alejandro – Não um minuto. Um ano inteiro. Um século. Um milénio de silêncio. Talvez assim nossas palavras recuperem um pouco de sentido após a diarreia verbal que inundou as redes sociais nos últimos anos.

 ${f Madison}-{\dot E}$ uma análise interessante, mas também se diz que você parou de escrever após um desamor...

Alejandro – As pessoas dizem o que querem...

Madison – Mas também não nega...

Alejandro – Isso não significa que seja verdade...

Ele pega a foto da mesa.

Madison – Quem é a mulher na foto?

Alejandro – Isso não é da sua conta.

Madison – Ela é linda.

Alejandro – Mesmo que você esteja realmente doente, isso não lhe dá o direito de se intrometer na minha vida privada.

Madison – Eu reparei imediatamente nesse retrato quando entrei na sua casa... e tive a sensação de que esse rosto me era familiar.

Ele devolve a foto e a olha, antes de colocá-la de volta em seu lugar.

Alejandro – É uma mulher que amei há muito tempo...

Madison – Quando você era um hippie?

Alejandro – Na verdade, não era tão hippie... Estava aberto a novas ideias. E fumava um baseado de vez em quando. Mas sempre cuidei da minha saúde e já estava pensando na minha carreira. Você precisa de um certo conforto para escrever, sabe? Para se tornar um grande escritor, às vezes é preciso continuar sendo um pequeno burguês...

Madison – E ela?

Alejandro – Ela era uma mulher livre. Só pensava no momento presente. Vivendo o dia a dia.

Madison – Onde você a conheceu?

Alejandro – No corredor... Ela morava no apartamento em frente. O que você está morando agora. Compartilhava com amigos que estavam de passagem. Pessoas que vinham de todo o mundo. Músicos, artistas... A porta estava sempre aberta.

Madison – E como a porta estava aberta, um dia ela aproveitou para sair. Como meu gato...

Alejandro – Ela queria viajar pelo mundo. Ter novas experiências. Conhecer novas pessoas. Naquele momento, o relacionamento tradicional não era realmente nosso ideal de vida. Pelo menos não era o dela.

Madison – Mas ela o amava...

Alejandro – Sim. Do jeito dela, eu acho. Embora não me amasse só a mim...

Madison – Amor livre...

Alejandro – Nós não queríamos ser como nossos pais, e estávamos certos. Mas não sabíamos o que mais inventar. Algo que pudesse durar um tempo... Vivíamos o momento. Não planejávamos envelhecer... E, na verdade, aqueles que não morreram antes dos trinta envelheceram muito mal. Você já conheceu um beatnik idoso? Não é uma imagem bonita, eu lhe garanto...

Madison – Então, você a deixou continuar sua jornada sozinha...

Alejandro – Eu não podia retê-la... e não tinha o direito de fazê-lo. Uma bela manhã, ela foi embora...

Madison – Para onde?

Alejandro – Para o Afeganistão. Hoje parece surreal, mas naquela época era um destino muito popular para os hippies. A maconha estava liberada e muito barata. Se você trabalhasse aqui por um ano, poderia viver lá por outro. E havia também essa fascinação pelo Oriente. Do ponto de vista europeu, para os hippies, o Afeganistão era o paraíso.

Madison – Mas ela ficou...

Alejandro – Eu já estava pensando no meu futuro... E entendi que meu futuro não estava no Afeganistão.

Madison – Ainda assim, poderia ter ido com ela. Por amor...

Alejandro – Claro... E provavelmente ela teria me deixado ir com ela... Mas o sonho dela não era uma viagem de namorados. Muito menos uma lua de mel. A Ásia era uma viagem de iniciação. Muitos faziam isso. Bem longe dos padrões pequenoburgueses do amor romântico...

Madison – Então, ela ficou em Madrid... mas você nunca a esqueceu.

Alejandro – Eu esperava que ela voltasse algum dia... Ou pelo menos me enviasse algum sinal... Um cartão postal... Mas nunca a vi novamente...

Madison – Você não tentou encontrá-la?

Alejandro – A internet ainda não existia... Quando alguém decidia sair da sua vida, realmente saía. E então os anos passaram...

Madison – Você poderia tentar encontrá-la agora.

Alejandro – Qual é o sentido? Talvez agora ela esteja morta. Ou talvez esteja casada, tenha cinco filhos e pese cento e vinte quilos.

Madison – Ou ela está viva, continua sendo uma mulher bonita e às vezes pensa em você

Alejandro – Na dúvida, prefiro não saber... e ficar com a imagem desta bela jovem na foto. Você consegue imaginar o choque, quarenta anos depois? Você não pode ver a si mesmo envelhecendo, mas pode ver muito bem quando os outros envelhecem, acredite em mim.

Madison – Não tenho certeza se consigo me ver envelhecendo...

Alejandro – Desculpe, eu não deveria ter dito isso.

Um momento.

Madison – Você não ouviu miados?

Alejandro – Não... Ainda não...

Madison – Talvez ele esteja escondido por aqui em algum lugar...

Alejandro – Espero que não.

Madison – Prometa-me que se eu morrer, cuidará do meu gato.

Alejandro – Mas você não vai morrer! Além disso, provavelmente seu gato vai morrer antes de você. Bem, eu acho... Quantos anos um gato vive?

Madison – Cerca de quinze anos.

Alejandro – E quantos anos tem o seu?

Madison – Dois anos.

Alejandro – Ah, entendi...

Madison – E então? Aceitaria adotá-lo?

Alejandro – Lembro que quando você entrou aqui, eu estava com uma arma na cabeça.

Madison – Justamente, isso lhe daria uma razão para não se suicidar...

Alejandro – Você quer dizer que se tivesse que alimentar um gato com comida de vegetais e trocar a caixa de areia todos os dias?

Madison – Se tivesse que cuidar de alguém, sim. Se alguém se importasse com você, precisasse de você, o esperasse em casa quando você chegasse à noite.

Alejandro – Você me ouviu? Eu quase nunca saio de casa, e muito menos à noite...

Madison – Você realmente queria acabar com a sua vida antes, ou era um grito de socorro?

Alejandro – De qualquer maneira, não me lembro de tê-la chamado...

Madison – De qualquer forma, devo ter ouvido o seu chamado.

Alejandro – É verdade, cada vez é mais difícil encontrar motivos para a esperança.

Madison – Quer conversar comigo sobre isso?

Alejandro – Dada a sua situação pessoal, eu teria escrúpulos em impor a você a lista dos meus temas deprimentes.

Madison – Continuar lutando quando você sabe que a guerra já está perdida... Não é essa a verdadeira coragem?

Alejandro – Eu nunca disse que era corajoso. Gostaria de ser tão corajoso quanto você.

Madison – Eu não sou corajosa. Não tenho escolha, é só isso. Ao contrário de você.

Alejandro – Eu? Só posso escolher entre a corda para me enforcar e a arma para explodir minha cabeça...

Madison – Você está certo... Você é realmente deprimente...

Alejandro – Eu lhe avisei, sou um velho rabugento. Eu não sei se os tempos de agora são piores do que quando eu era jovem. É que estou mais lúcido. E a lucidez geralmente não é otimista.

Madison – Por fim, eu gostaria de tomar uma dose de conhaque.

Alejandro – Tem certeza?

Madison – Tem que morrer de alguma coisa.

Ele serve dois copos de conhaque. Eles brindam.

Alejandro – À sua saúde! Desculpe, acho que falei demais de novo...

Ele sorri. Eles esvaziam seus copos.

Madison – Isso ressuscitaria um morto.

Alejandro – Eu não bebo há uns dez anos. Eu não sei há quanto tempo essa garrafa está aqui. Mas o álcool envelhece bem, não é? Pelo menos melhor do que os bêbados...

Madison – Ainda assim, tem um gosto estranho. Você tem certeza de que é conhaque?

Ela olha para a garrafa.

Alejandro – Eu acho que sim... Mas eu não consigo lembrar exatamente o gosto do conhaque...

Madison – Eu gostaria de ter conhecido o jovem que você era.

Alejandro – Que jovem?

Madison – O que estava apaixonado pela mulher na foto. E que ainda tinha o fogo da vida...

Alejandro – Eu não sei se você teria gostado.

Madison – Provavelmente estava cheio de entusiasmo e esperança.

Alejandro – Cheio de ambição, com certeza.

Madison – Realmente não tem mais amigos?

Alejandro – Eu não suporto pessoas mais velhas, então evito sair com gente da minha idade o máximo possível. Não quero que fiquem me mostrando a idade o tempo todo com um espelho na minha frente.

Madison – Eu tenho certeza de que você não parou de escrever todos esses anos.

Alejandro – É por isso que você me embriagou? Na esperança de que eu confiasse em você...

Madison – Um escritor está destinado a escrever.

Alejandro – Concordo, é verdade. Eu continuei escrevendo... Mas não vou publicar mais nada...

Madison – Por quê não?

Alejandro – Eu lhe disse. Eu não escrevo mais para ser lido. Nem para as gerações futuras. Eu não tenho mais nada a dizer para os leitores de hoje.

Madison – Nem mesmo para mim?

Alejandro – Eu não te conheço. O que lhe faz pensar que eu tenho algo para lhe dizer?

Madison – Talvez tenhamos mais em comum do que você pensa...

Alejandro – Além de ambos termos um prazo curto?

Madison – Pelo menos me diga sobre o que é o seu livro...

Ele hesita por um momento.

Alejandro – É um romance... muito pessoal.

Madison – Autobiográfico, então...

Alejandro – Vamos dizer autoficção, como chamam agora.

Madison – É por isso que você não quer publicá-lo? Porque é muito pessoal?

Alejandro – Eu prefiro considerar esse manuscrito como um diário. Eu não gosto de exposição. Se eu publicar isso, as pessoas vão dizer que eu me tornei um escritor de romances românticos em meus últimos anos...

Madison – Eu pensei que você não se importava com o que as pessoas pensam de você.

Alejandro – Suponho que eu ainda não alcancei esse nível de sabedoria.

Madison – Porque é impossível.

Alejandro – Não perca seu tempo escrevendo uma tese sobre mim. Não vale a pena, acredite.

Madison – Isso é importante para mim.

Alejandro – Mas por quê? Viva a sua vida, caramba! Especialmente se isso pode terminar a qualquer momento... Além disso, eu não acredito em você, e você ainda não me mostrou esse relatório médico.

Madison – Se você não acredita em mim, por que concordou em falar comigo?

Alejandro – Eu pensei que para inventar uma história assim, você deveria ter uma boa razão. E qual é essa razão?

Madison – É um pouco complicado...

Alejandro – Então você estava mentindo. E seu coração está bem.

Madison – Digamos que... meus problemas cardíacos são mais simbólicos.

Alejandro – Por que você me disse isso?

Madison – Para te comover, eu acho. Eu queria que você me deixasse...

Alejandro – Eu poderia fazer isso agora...

Madison – Mas você não vai fazer.

Alejandro – E por que não?

Madison – Porque isso te intriga...

Alejandro – Você diz que seus problemas de coração são simbólicos. Você quer dizer... angústia?

Madison – De certa forma... Assim como você, eu sofri a ausência de alguém querido.

Alejandro – E o que eu tenho a ver com isso?

Madison – Eu vou te contar em breve, prometo. Mas antes disso, eu gostaria de pedir um favor.

Alejandro – Diga...

Madison – Eu gostaria de ler esse manuscrito.

Alejandro – Por que eu deveria confiar isso a você?

Madison – Porque no fundo você quer que alguém leia e dê sua opinião. Um autor sempre escreve para ser lido... e reconhecido. Para ser amado...

Alejandro – A única pessoa que eu gostaria que me amasse... desapareceu da minha vida há mais de quarenta anos.

Madison – Onde está o manuscrito?

Ela aponta para um arquivo em sua mesa.

Alejandro – Está ali...

Madison – Posso vê-lo?

Ela faz um gesto para pegá-lo, mas ele a impede.

Alejandro – Não!

Ela hesita por um momento. Uma sombra de tristeza passa por seus olhos.

Madison – No final das contas, você está certo. Você realmente é um velho rabugento. Vou deixar você se compadecer...

Ela está prestes a sair.

Alejandro – Espere...

Ele hesita, então pega o manuscrito e entrega a ela.

Alejandro – Eu autorizo você a lê-lo, com uma condição.

Madison – Estou ouvindo.

Alejandro – Esse manuscrito não sairá daqui.

Madison – Você tem medo de eu fazer uma cópia e publicá-la sem sua permissão?

Alejandro – Você pode aceitar ou deixar.

Ele entrega a pasta e ela a pega.

Madison – Vai levar um tempo para mim.

Alejandro – Eu não tenho pressa. E você?

Madison – Nem eu.

Alejandro – Eu tenho um quarto de hóspedes, se você quiser. Eu não uso muito. Todos os meus amigos estão mortos...

Madison – Obrigada por sua hospitalidade.

Alejandro – Deixo você com a sua leitura...

Ele sai. Ela mergulha na leitura do manuscrito.

Escuro

Sentada em uma poltrona, Madison continua lendo o manuscrito. Ela vira a última página. Fecha a pasta e fica pensativa por um momento. Ela se levanta, olha pela janela para a plateia. Alejandro retorna com duas xícaras de café e coloca uma na frente dela.

Alejandro – Aqui... Avisando que é descafeinado. Não espere que isso te acorde.

Madison – Obrigada.

Alejandro – Então, você não conseguiu chegar ao final...

Madison – Acabei de terminar...

Alejandro – Já? Isso não é possível, você deve ter pulado páginas...

Madison – Não, eu lhe asseguro que...

Alejandro parece um pouco preocupado com o silêncio que se segue.

Alejandro – Você não precisa se sentir obrigada a me dizer o que pensa... Especialmente se você não gostou...

Madison – Eu devorei desde a primeira página até a última. Eu não dormi a noite toda.

Alejandro – Bem... Isso me faz sentir um pouco melhor... Mas eu não achava que havia escrito um romance de suspense...

 $\mathbf{Madison} - \acute{\mathrm{E}}$ o seu melhor livro. Ele traz à tona uma humanidade que estava faltando em todos os outros.

Alejandro – Sim, eu não sei se devo considerar isso como um elogio... No que diz respeito ao resto do meu trabalho.

Madison – Suas outras novelas eram brilhantes. Esta é dilacerante.

Alejandro – E você percebeu? O tema está totalmente em sintonia com o tema da sua tese.

Madison – Minha tese...?

Alejandro – "A figura da ausência no universo romanesco de Alejandro Goya". Você já esqueceu?

Madison – Não, claro que não. E você está certo. A história de um homem que, aos vinte anos, escolhe viver apenas com o fantasma de um amor da juventude como companhia...

Alejandro – O primeiro amor nunca é esquecido. Porque temos saudade da nossa juventude. A saudade de todas as primeiras vezes... Você tem que continuar fiel ao seu primeiro amor. Mesmo que nem sempre possa ser fiel à primeira mulher que amou.

Madison – Sim, mas é arriscado. O risco de viver no passado...

Alejandro – De qualquer forma, você nunca deve desistir dos seus sonhos. Você acha que eu deveria publicá-lo?

Madison – Se eu disser que sim, você fará isso?

Alejandro – Afinal, você é uma especialista no meu trabalho.

Madison – Tenho certeza de que este romance pode reviver sua carreira literária... Em minha opinião, merece um Prémio Nadal.

Alejandro – Não exagere. Agradeço que queira me incentivar. Mas ainda assim deve ser credível...

Madison – Estou sendo completamente sincera, eu garanto.

Alejandro – E perfeitamente objetiva, claro.

Madison – Você duvida?

Alejandro – Não sei... Algo me diz que você não veio a Madrid apenas para fazer uma tese sobre um escritor fora de moda.

Pausa.

Madison – De fato. Eu não te disse toda a verdade.

Alejandro – Você não tem o coração partido, não tem um gato e imagino que você também não seja uma estudante...

Madison – O que é verdade é que sou americana e vim para a Espanha para te conhecer.

Alejandro – Você já está morando no apartamento da frente há algumas semanas... Por que só agora?

Madison – Ontem de manhã, pela janela, vi você pendurando aquela corda no teto. Depois pegou a pistola.

Alejandro – Eu não consegui encontrar um lugar para pendurar a corda.

Madison – Eu estava preocupada com a sua vida. Tive medo de que você desaparecesse antes de eu lhe conhecer. Eu corri para a sua casa... e improvisando...

Alejandro – Foi um grande sucesso. Você deveria fazer teatro... Mas, você sabe, na vida, assim como no teatro, é preciso desconfiar do que se vê atrás do pano. Às vezes é apenas uma ilusão. A projeção das nossas próprias fantasias...

Madison – A corda não era para se enforcar?

Alejandro – E se eu só quisesse... pendurar um lustre?

Madison - E a pistola?

Ele pega a pistola da gaveta.

Alejandro – Poderia ser um brinquedo. Uma pistola de brinquedo para assustar ladrões... Ou um simples isqueiro... (*Ele aperta o gatilho e sai uma chama do cano.*) Um isqueiro que não me serve para nada agora. Tenho tanto medo de morrer que parei de fumar. Mas sempre tenho um maço de cigarros à mão, para provar a mim mesmo que posso resistir à tentação. Eu também parei de beber álcool e até de cafeína. É assim que cuido da minha saúde...

Madison – Então você não planejava tirar sua própria vida?

Alejandro – Ainda não. Talvez eu deseje, mas talvez não tenha coragem. Ou talvez ainda não esteja desesperado o suficiente. E qual é o sentido disso? Vou esperar minha vez, como todos os outros...

Madison – Então, nosso encontro foi resultado de um mal-entendido simples?

Alejandro – É difícil acreditar que alguém possa cruzar o Atlântico apenas para entrevistar um escritor como eu. E eu não acredito em coincidências. Então, por que você está aqui?

Madison – Eu vou lhe contar, mas antes de tudo, obrigada por me conceder a honra de ser a primeira leitora deste manuscrito.

Alejandro – Você gostou muito?

Madison – É uma obra-prima. Mas eu vou fazer uma pequena crítica.

Alejandro – Vamos lá... Estou ouvindo.

Madison – O final não me pareceu muito convincente...

Alejandro – Você tem razão... É uma história inacabada... É como se não houvesse um epílogo...

Madison – Eu poderia ajudar a encontrá-lo...

Alejandro – Você também escreve? Veio propor uma colaboração? É verdade que minha inspiração está começando a faltar um pouco, mas aviso que ainda não estou à procura de um escritor fantasma para escrever meus livros por mim.

Madison – Não, não vim por isso...

Alejandro – E essa tese também é uma invenção. Então, não foi pelo privilégio de ter uma conversa literária comigo que você montou toda essa comédia...

Madison – Não. Não só por isso...

Alejandro – E por quê?

Madison – Acho que a resposta está no manuscrito que acabei de ler. A janela da frente... Por que esse título?

Alejandro – A janela da frente... é a do apartamento onde você mora agora. É onde morava a mulher que eu amei uma vez.

Madison – E que tem rondado seus pensamentos desde que ela se foi.

Alejandro – Muitas vezes sonhei que ela voltava. Que um dia ela abriria minha porta com um empurrão, como você fez ontem...

Madison – Por isso você sempre deixa a porta aberta...

Alejandro – Às vezes eu parecia ver uma sombra atrás das cortinas da janela da frente. Quando você se mudou e eu vi a luz à noite, imaginei que fosse ela...

Madison – Era só eu.

Alejandro – Você se parece um pouco com ela... Por isso, quando a vi pela primeira vez agora há pouco, recuei. Por um instante, pensei que fosse ela. Com vinte anos. E então lembrei que hoje ela teria mais ou menos minha idade...

Madison – É verdade, eu me pareço com ela.

Alejandro – Não me diga que você é o fantasma dela.

Madison – Não, eu sou real.

Alejandro – Mas há algo mais, não há?

Madison – Sim.

Alejandro – Por que você disse que o rosto dela lhe parecia familiar?

Pausa

Madison – Sou neta dela.

Silêncio.

Alejandro – Sua neta...?

Madison – Quando ela foi para o Afeganistão, ela estava grávida. Ela percebeu logo depois de partir.

Alejandro – Grávida... de mim?

Madison - Sim.

Silêncio

Alejandro – Por que ela não me contou?

Madison – Você mesmo disse. Eram outros tempos. Ela não queria impor essa criança a você. Ela pensou que poderia criá-lo por conta própria. E foi o que ela fez.

Alejandro – Eu nunca soube disso.

Madison – Eu também não, pelo menos até recentemente.

Alejandro – Quando você descobriu?

Madison – Há alguns anos. Quando eu tinha dezoito anos, minha avó me contou essa história. A história de amor dela...

Alejandro – Então você seria minha neta.

Madison – Sim. Sou a sua neta. Você não acredita em mim?

Alejandro – Sim... Curiosamente, depois de todas as mentiras que você me contou, não tenho dúvidas sobre isso.

Madison – Entendo que seja difícil de ouvir. Leve o tempo que precisar. Você não me deve nada. Se é isso que você quer, vou embora como vim e você não ouvirá falar de mim novamente.

Alejandro – Por favor, fique.

Madison – Estou aqui.

Pausa.

Alejandro – Eu entendo que na época ela não tenha me contado nada. Mas depois?

Madison – Eu repito. Ela não queria impor a paternidade a você. E então ela perdeu o contato.

Alejandro – Pouco depois dela ter ido embora, eu deixei este apartamento. Eu não conseguia suportar ter aquela janela na minha frente todos os dias, me lembrando da ausência dela.

Madison – Ela enviou uma carta para você há muito tempo. A carta voltou com a nota "não mora mais neste endereço".

Alejandro – Eu voltei a morar aqui alguns anos atrás. Para escrever este livro, na verdade. Como para exorcizar o passado.

Madison – Mas o fantasma dela não parou de o perseguir...

Alejandro – Conheci outras mulheres, é claro. Mas toda a minha vida vivi na lembrança desse primeiro amor. Nunca amei ninguém mais...

Madison – Eu não sabia se você era casado. Se tinha formado sua própria família.

Alejandro – Eu não fiz isso.

Madison – Ela ouviu falar de você quando você se tornou um escritor famoso.

Alejandro – Também foi na esperança de tê-la de volta que fiz tudo o que pude para ter sucesso no mundo literário. E também para que ela pudesse me rastrear mais facilmente por causa da minha fama. Ela poderia ter entrado em contato comigo naquela época.

Madison – Poderia pensar que era por interesse que ela estava te procurando, quando você se tornou um autor de sucesso... Pelo menos era isso que eu temia...

Alejandro – Então eu tenho uma filha...

Pausa.

Madison – Sobre minha doença também, eu só menti pela metade. Foi minha mãe quem tinha um coração fraco. Ela morreu logo depois que eu nasci, nem sabendo quem era o pai dela.

Alejandro – Lamento ouvir isso.

Madison – Fui criada pela minha avó. E quando cheguei à maioridade, ela quis que eu soubesse quem era meu avô. Mas ela não teve coragem de entrar em contato com você novamente.

Alejandro – Então você decidiu fazer isso por ela. Vindo para Madrid.

Madison – Eu não me vejo contando isso em uma carta ou por telefone. Eu queria conhecê-lo primeiro. Você tinha a reputação de ser um urso. Se você não tivesse me parecido simpático, eu não teria dito. E teria voltado para Nova York.

Alejandro – Mas eu a recebi tão bem que decidiu me adotar...

Madison – E principalmente, eu li este manuscrito. Eu entendi que você nunca tinha esquecido essa mulher. Minha avó...

Alejandro – Você fez bem em vir... e em me contar o final dessa história.

Madison – Ainda não é o final... (Alejandro finge desânimo.) Está tudo bem?

Ele escolhe o humor para esconder sua emoção.

Alejandro – Eu já estava deprimido com minha idade, e você me diz que sou um avô.

Madison – Isso não o faz feliz?

Alejandro – Claro que sim... mas ao mesmo tempo, eu descubro que tenho uma filha, e que ela está morta.

Madison – Mas eu estou aqui... Eu mal conhecia minha mãe. Tenho um avô de novo. *Alejandro pega o manuscrito*.

Alejandro – Vou publicar este livro. Vou dedicá-lo àquela filha que nunca conhecerei. E àquela neta que um dia entrou em minha casa sem avisar, forçando a porta...

Madison – A porta estava aberta...

Alejandro – Mas ainda tenho que encontrar um final real para esse romance.

Madison – Eu posso ajudar com isso, eu disse.

Alejandro – Não sei se meu coração aguentará muito mais se você me contar mais surpresas.

Madison – Na verdade, tem mais uma coisa.

Alejandro – Adiante. Até aqui...

Madison – Minha avó está viva e bem.

Alejandro – E onde ela mora atualmente?

Madison – Em Nova York.

Alejandro – Então você a abraçará carinhosamente por mim...

Madison – Você pode fazer isso você mesmo.

Alejandro – Você vai me levar para a América com você?

Madison – Minha avó veio comigo. Ela está no apartamento do outro lado do corredor.

Pausa. Obviamente, ele está surpreso.

Alejandro – Agora eu realmente começo a ficar com medo...

Madison – Ela ainda é uma mulher muito bonita... e nunca te esqueceu. Ela leu todos os seus livros...

Alejandro – Mas ela não queria conhecer a vida do autor.

Madison – Você disse que não era importante...

Alejandro – É ela que está ausente neste romance.

Madison – Sim, mas ela ainda não o leu... Eu não sabia se ela ainda se lembrava dele... Se ainda o amava...

Alejandro – Eu ainda a amo... Este livro é a prova...

Ele olha na direção do público, em direção à janela do outro lado do corredor.

Madison – E então? Devo dizer a ela para vir?

Alejandro – Ela cruzou o Atlântico para me encontrar. Eu posso cruzar o corredor para encontrá-la...

Alejandro beija Madison.

Madison – Vá sozinho. Você verá. Quase nada mudou além da janela do outro lado. E a porta ainda está aberta...

Ela sai. Madison fica em pé e olha para a janela.

Escuro.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comedias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Apenas um instante antes do fim do mundo
Gay friendly
Há um autor na sala?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
Pequeno homicídio sem consequências
Preliminares
Quarentena
Quatro estrelas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Uma herança pesada

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez podem ser baixadas livremente no seu site : https://comediatheque.net

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual. Todas as contrafações são puníveis, com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

> Avinhão – Agosto de 2023 © La Comédiathèque ISBN 978-2-37705-976-8

Documento para download gratuito